

# SUMÁRIO

<b>Prefácio .....</b>	<b>9</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>11</b>
<b>1. Um caminho para a produção em vídeo de baixo orçamento: cinema de grupo .....</b>	<b>15</b>
Criando um curta-metragem em vídeo .....	17
<b>2. O roteiro .....</b>	<b>20</b>
A ideia (imagem geradora) .....	20
Estrutura da história .....	21
Criação do personagem .....	24
Escrever em imagens .....	29
Da ideia ao roteiro .....	31
Ao aspirante a roteirista .....	39
<b>3. A direção.....</b>	<b>41</b>
Conhecendo o roteiro .....	42
Concepção de direção.....	43
Linguagem de direção .....	44
Tipos de plano e movimentos de câmera .....	47
Criação de storyboard .....	55
Escolha e preparação de elenco .....	57
Planilha de gravação.....	61
Captando as imagens.....	63
Ao aspirante a diretor.....	67
<b>4. A fotografia.....</b>	<b>69</b>
Linguagem fotográfica .....	71
Conhecendo equipamentos e acessórios .....	77
A fotografia na adversidade .....	85

Concepção de fotografia.....	86
Ao aspirante a diretor de fotografia.....	87
<b>5. Sobre a produção.....</b>	<b>89</b>
Produtor como criador .....	91
Produção de baixo custo .....	92
Levantamento de produção.....	93
Planilha de orçamento.....	94
Cronograma de realização.....	96
Formatação de projeto .....	98
Direitos autorais .....	101
Direitos de uso de imagem .....	102
A primeira visita à locação .....	103
Planilha de produção.....	104
Antes de gravar, durante a gravação e depois dela .....	106
Gravando em local público .....	109
Registro da produção .....	109
Ao aspirante a produtor .....	110
<b>6. A montagem e a finalização .....</b>	<b>111</b>
O material bruto.....	112
Linguagem de edição .....	113
Editando o primeiro corte.....	119
Montando o segundo corte.....	121
Sonoplastia – Narrativa sonora .....	121
Inserção dos créditos .....	126
Exportando e convertendo o vídeo editado.....	128
Ao aspirante a editor/montador.....	133
Com o curta-metragem pronto .....	134
<b>Conclusão .....</b>	<b>137</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>139</b>
Sites interessantes .....	140
Sites úteis para consulta .....	142

# PREFÁCIO

Na contemporaneidade, o audiovisual corresponde à principal linguagem utilizada para informar e comunicar. Não por acaso, é também a mais adequada para nossa expressão e reflexão. O caráter estratégico que certas nações atribuem à produção de imagens em movimento comprova essa importância.

Por outro lado, pouco mais de um século após a invenção do cinema, nunca foi tão acessível e disseminada a prática de criação de imagens: com a proliferação dos equipamentos portáteis de captação (câmeras MiniDV, celulares com câmera etc.) e dos programas de edição para computadores domésticos, em cada esquina do país existem potenciais realizadores, produzindo pequenos filmes que vão circular pela internet, por exemplo.

Um maravilhoso mundo de possibilidades a pedir um guia simples, objetivo e de fácil entendimento, para que essa monumental quantidade de obras tenha propósito e relevância.

Pois bem, esse manual já existe, graças ao interesse e à dedicação de um paulistano apaixonado por cinema, radicado e atuante na região do ABC Paulista, onde capitaneou um núcleo de vídeo que já produziu quase sessenta curtas-metragens em pouco mais de seis anos. Alex Moletta propõe este *Criação de curta-metragem em vídeo digital* para “possibilitar o acesso à informação sobre produção de curtas a pessoas que gostam de cinema, mas não sabem que também podem produzir”. Mais democrático, impossível!

Mas o assunto não se resume ao domínio de determinados equipamentos técnicos ou algo parecido, nem é esse o entendimento do autor. O domínio deve ser o da linguagem, pois é por meio dela que formamos um discurso.

Se a expressão audiovisual é atualmente possível a todos nós, este livro mostra o caminho para chegar a ela de forma inteligente, com os pés no chão: antes de mais nada, é necessária muita dedicação ao planejamento.

Com inspiração no Cinema Novo brasileiro (“Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”) e no manifesto dinamarquês Dogma 95 (que pregava contra artificialismos de cenário, trilha sonora e iluminação, entre outras posturas radicais), afirma-se: o mais importante é o papel central da ideia.

Pois um cinema feito com poucos recursos deve estar calcado em ideias boas, elaboradas e/ou surpreendentes.

Valoriza-se (sabidamente) o trabalho de grupo – e, definitivamente, estamos tratando de uma atividade coletiva, na qual contribuições variadas e diversos olhares críticos são sempre bem-vindos.

O roteiro, seus personagens e seus diálogos; a direção e a preocupação com a linguagem cinematográfica; a fotografia, a concepção e os equipamentos; a produção, a montagem e a finalização; as possibilidades de veiculação: um leque bastante amplo de aspectos envolvidos em uma obra audiovisual é aqui abordado, complementado por uma utilíssima bibliografia e uma relação de sites indicados.

A linguagem simples e direta talvez seja o maior de todos os trunfos desta obra: se o objetivo é tratar de acessibilidade à produção, nada melhor que uma abordagem ao alcance de todos.

FRANCISCO CESAR FILHO

Cineasta e curador, diretor de *Augustas* e *Rota ABC*,  
entre outros filmes, e organizador da  
Mostra do Audiovisual Paulista,  
além de outros festivais e eventos cinematográficos

# INTRODUÇÃO

Este livro apresenta uma proposta de trabalho para criar, organizar e realizar curtas-metragens em vídeo digital com baixo custo, possibilitando que qualquer pessoa interessada em fazer cinema crie e produza vídeos usando a estética cinematográfica. Essa demanda surgiu com o grande interesse dos jovens de criar videoproduções para a internet, estimulados pela proliferação de curtas-metragens publicados em sites como YouTube, MySpace e outros. Hoje, para produzir um curta-metragem, bastam apenas a criatividade artística, uma câmera de vídeo ou de foto e um computador. Assim, esta obra oferece uma forma barata e criativa de tornar essa produção mais cinematográfica e menos caseira.

Este livro é o resultado de seis anos de trabalho ministrando oficinas de cinema e vídeo a iniciantes em diversas cidades do ABC Paulista. Busca preencher uma lacuna, percebida por nós, produtores independentes, das diversas publicações sobre cinema e vídeo que não contemplam as produções de baixo custo – nem a criação de videoprodução em curtas-metragens.

Tão importante quanto saber usar corretamente um bom equipamento cinematográfico é saber produzir um filme sem ele; saber escrever um roteiro que possa realmente ser produzido; criar uma boa fotografia sem os refletores ideais; produzir sem dinheiro. Não se trata de desqualificar o processo cinematográfico, mas de qualificar o vídeo digital de curta-metragem.

\* \* \*

Todos os que gostam de cinema já pensaram em fazer um filme. Porém, ao analisar todas as dificuldades envolvidas na produção, tal vontade geralmente cai por terra. Este livro mostra que não é preciso deixar a ideia de lado, basta reformulá-la. Em vez de um filme de duas horas, pode-se realizar um curta-metragem de quinze minutos.

Assim, minha proposta é indicar um caminho a quem deseja ingressar na linguagem audiovisual, por meio do vídeo digital, para criar e produzir

vídeos de curta-metragem com baixo orçamento. No entanto, é importante explicar que não se trata de uma fórmula pronta, e sim de uma forma de produção viável para aqueles que pretendem iniciar-se nesse meio de expressão tão popular nos dias de hoje.

Também não se trata de algo completamente novo, revolucionário e original. O processo descrito adiante foi desenvolvido por diversos autores e cineastas que refletiram sobre a criação artística, entre eles: Joseph Campbell, com o livro *O herói de mil faces*, sobre o mito do herói; Christopher Vogler, com *A jornada do escritor*, sobre a estrutura das histórias nos roteiros para cinema; Alfred Hitchcock, com *Hitchcock/Truffaut*, sobre a narrativa visual e sonora; David Mamet, com *Sobre direção de cinema*, em que aponta os importantes aspectos da direção; e Carlos Gerbase no livro *Direção de atores*, sobre o trabalho do diretor com atores para o cinema. Além disso, contei com o conhecimento de excelentes professores e orientadores, como Luís Alberto de Abreu, Ismail Xavier e Calixto de Inhamuns.

Exponho aqui experiências do que escrevi, dirigi e produzi em vídeo, em quinze anos trabalhando em teatro como dramaturgo e produtor, e a troca de vivências com meus colegas orientadores do projeto “Primeiro Olhar” (Oficinas de Iniciação em Vídeo Digital), que desenvolvemos desde 2003. Mas, principalmente, orientando, debatendo, produzindo e aprendendo com todos os alunos que passaram pelo projeto desde sua primeira edição.

O livro é indicado àqueles que querem produzir um curta em vídeo e não dispõem de orçamento para fazê-lo. É para as pessoas que desejam ter a experiência de dirigir, roteirizar ou produzir um primeiro vídeo de curta-metragem sem ter de fazer empréstimo, financiamento, vender o carro do pai ou o próprio irmão caçula. Porém, como tudo na vida, busca o equilíbrio. Fazer um vídeo com poucos recursos implica, consequentemente, um volume maior de trabalho e de preparação para que o resultado seja satisfatório.

Não posso deixar de citar a influência direta, nesse processo de trabalho, dos movimentos cinematográficos Dogma 95 e Cinema Novo. O primeiro, encabeçado pelos diretores dinamarqueses Lars Von Trier e Thomas Vinterberg, propôs um cinema mais humano, mais natural e criativo, buscando a qualidade do filme não no aparato técnico e em grandes orçamentos, e sim na essência da relação da câmera com a história e seus personagens. O Dogma 95 foi uma reação ao modo hollywoodiano de fazer filmes.

No Cinema Novo brasileiro – surgido nos anos 1950 e 1960 –, jovens cineastas, frustrados com a falência das grandes companhias cinematográficas, resolveram lutar por um cinema com mais realidade, mais conteúdo e menos custo.

Em nosso processo de trabalho, aproveitamos o que os dois movimentos têm de melhor: criar uma obra audiovisual com recursos de que já se dispõe, sem depender de grandes orçamentos. Nesse sentido, o texto aponta para um processo adepto, em parte, do célebre lema do Cinema Novo: “Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”.

Porém, embora essa frase constitua a síntese do processo criativo e realizador, uma ideia na cabeça e uma câmera na mão não são suficientes para fazer cinema. É preciso saber o que fazer com a ideia, como transportá-la para as páginas de um roteiro cinematográfico – ou seja, um roteiro de imagens, ações e diálogos. Não basta ter a câmera na mão sem saber como construir a imagem descrita no roteiro, como e o que enquadrar diante do objeto na luz ou no escuro. Como se faz isso? Como reunir texto, imagem e som de maneira que transmitam um conceito?

Na arte, como na filosofia, não existe uma resposta exata para essa pergunta. O que vamos discutir aqui são processos criativos que, na maioria das vezes, funcionam para mim (o que não quer dizer que funcionem para você). Mas, se você procurar responder à pergunta sem esquecer o que disseram os grandes mestres do cinema, já estará caminhando na direção certa.





# 1. UM CAMINHO PARA A PRODUÇÃO EM VÍDEO DE BAIXO ORÇAMENTO: CINEMA DE GRUPO

Quando não se tem dinheiro, a melhor forma de realizar uma obra audiovisual independente é o trabalho de grupo. É fundamental reunir pessoas que tenham os mesmos interesses artísticos e disposição para aprender sobre diversas áreas da criação. Para fazer cinema ou vídeo, basta contagiar algumas pessoas para tirar uma ideia do papel, pois o velho ditado “Duas cabeças pensam melhor que uma” procede, sobretudo se tratando de um processo artístico coletivo como o teatro e o cinema. Mas como?

Antes de ter contato com a produção audiovisual, eu só havia tido experiência artística fazendo teatro, trabalhando com outros atores, diretores e grupos teatrais, até que em 1995 fundamos nosso próprio grupo teatral.

Passando a trabalhar em grupo na produção de espetáculos, iniciamos um processo de aprendizado constante. Inicialmente, encenávamos textos de diversos autores consagrados, mas ainda assim não era exatamente o que queríamos dizer, então começamos a produzir espetáculos em que um escrevia o texto, outro dirigia, outro fazia a cenografia e todos atuavam. A partir desse momento, passamos a trabalhar em colaboração (influência do processo metodológico da Escola Livre de Teatro de Santo André). Cada componente do grupo era responsável por um segmento da produção, porém todos discutiam o conteúdo de cada segmento calcados na pesquisa anterior feita coletivamente.

Essa dinâmica permite que todos colaborem na criação de maneira coletiva, porém cada um direciona a criação de acordo com a função que as-

sumiu dentro do projeto, mantendo sua individualidade e responsabilidade – diferentemente do que ocorre na criação coletiva, em que todos criam todos os segmentos juntos. Não que essa seja a melhor forma de trabalhar em grupo, mas em nosso caso funciona, pois é sempre bom achar o responsável quando o problema aparece.

Consequentemente, esse processo de trabalho foi adotado também quando passamos a trabalhar com vídeos de curta metragem. Primeiro, define-se o tema que será abordado no curta. Depois de uma pesquisa prévia, discute-se que concepção o diretor quer adotar, aliando-a à proposta de fotografia, direção de arte e produção. Só então o roteirista inicia o trabalho de criação do roteiro, aproveitando tudo que foi discutido.

Nesse sistema de produção podem ser definidas antes, mas não obrigatoriamente, as locações que serão utilizadas, seguindo na contramão do processo das grandes produções. Nesse caso, conhecer a locação de antemão ajuda o trabalho de toda a equipe.

Isso ajuda o roteirista a visualizar as imagens do roteiro; auxilia o diretor a definir o posicionamento da câmera; indica ao fotógrafo se haverá ou não luz adequada; permite ao diretor de arte que defina as cores e texturas dos figurinos e adereços; até o elenco poderá se familiarizar com o espaço antes das gravações. O fato de conhecer a locação agiliza todo o processo de produção, permite prever problemas técnicos e dá mais segurança à equipe.

É importante dizer que no cinema de grupo a escrita do roteiro não termina quando este é entregue ao diretor e à equipe de produção. A partir desse momento, o roteirista passa a colaborar com o processo de criação dos demais componentes da equipe, ajudando a verticalizar\* ações, personagens e situações por meio das imagens que serão concebidas. Embora às vezes as reuniões sejam confusas, esse processo define claramente quem é responsável por qual setor. As opiniões e sugestões diversas devem ser guiadas pelo bom senso de cada um. Costumo dizer que um diretor inteligente sabe aproveitar as boas ideias sugeridas pela equipe, e as ideias dos outros são, quase sempre, tão boas quanto as nossas ou melhores.

\* Verticalizar quer dizer aprofundar-se no assunto, ir ao cerne da questão.